

SERRA-PILAR

www.serradopilar.com | 31 Tempo Comum, 03.11.2019 | ano 45º | nº 2139



Mosteiro da Serra do Pilar (interior). Aguarela s/papel. 0,39 x 0,52 cm. 2006. Pintor aguarelista, JÚLIO COSTA. Coleção Adelino Rosa, V. N. de Gaia.

45

**anos da comunidade
de *Um Povo a Caminho;*
a *“Vai Serra do Pilar”***

“Refletindo os esforços de renovação pastoral da Igreja Católica, o II Concílio do Vaticano repercutiu-se no catolicismo português, gerando novo impulso reformador, em particular nos sectores mais envolvidos nas questões da transformação da sociedade, nomeadamente a justiça social, a paz e a liberdade — temas centrais do magistério pontifício nesta década”.

Paulo Fontes, in *História Religiosa de Portugal - 2002*.
Volume 3, (pp 249-250).

JÚLIO COSTA – Pintor aguarelista

Descobriu os caminhos da pintura em 1992, altura em que começou a fazer os primeiros esboços artísticos. Atraídos pelo realismo das obras e pelo inteligente uso da cor, a Academia de Música de Vilar do Paraíso convida o artista a realizar a sua primeira exposição. O sucesso seria unânime, tendo os convites para novos projectos surgido logo de seguida. As mágicas vistas do Porto seriam então transportadas para todo o país, com um sentimento especial de carinho pela Invicta sempre a ser exacerbado. As ruas, as varandas, as janelas, todos os temas da cidade fazem parte do meu encanto. Mas não me esqueço que sou de Gaia, e é de Gaia que melhor se avista o Porto. Apesar da sua predilecção, o encanto pelo retrato citadino estendeu-se a outros pontos do país. Chaves, Braga, Figueira da Foz, Lisboa e Ponte de Lima já passaram pelas telas de Júlio Costa, que não esquece Vila Nova de Gaia, os seus afectos e os seus artistas

Mas a pintura não é o seu único talento! A cenografia é também uma das suas grandes paixões, sendo o seu trabalho de extrema importância na Academia de Música de Vilar do Paraíso. Foi Júlio Costa quem construiu os cenários do Rei Leão ou da ópera Bastien und Bastienne, trabalho que mereceu a congratulação de todo o corpo artístico. Todo o trabalho é à base do improvisado e da sua sensibilidade.

a Serra é caso de estudo, não caso de sucesso

1.

A minha contagem é outra porque comecei a ‘ir à Serra’ apenas há vinte anos, metade da festa.

A minha contagem é outra também porque reparto o meu sentido de pertença à Comunidade da Serra com a CVX - Comunidade de Vida Cristã, inserida na comunidade alargada dos jesuítas e da espiritualidade inaciana.

Comecei a ir à Serra quando comecei a FAUP [Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto] e essa coincidência foi marcante na minha formação de arquitecto. Aprendi da organização do espaço e sobretudo do uso da simbólica. A importância da Serra havia de ser vertida na prova final de curso, sobre o Sagrado, ou depois mais especificamente sobre o espaço religioso e sobre a liturgia ¹. E não só a importância da Serra como ‘caso de estudo’ mas também mesmo a orientação do Pe. Arlindo e, através dele, de um melhor entendimento de Otto e de Eliade, e da descoberta de Plazaola ou Ratzinger.

Mais tarde, em início de um programa de doutoramento em arquitectura que seria interrompido, levei mesmo a Serra a Bolonha, selecionado um artigo para comunicação ² num seminário sobre a Igreja na Cidade 50 anos depois do Vaticano II, numa sessão sobre Identidade do edifício eclesial na cidade multicultural, em que ensaiei sobre a identidade tríplica do edifício eclesial, isto é, propus um olhar tríplico, entenda-se tripartido ou melhor até triangulado, sobre a Igreja e o pensamento eclesial – uma deixa apenas para homenagear a Serra, o meu reconhecimento e agradecimento por tanto bem recebido.

O facto de ser em italiano deu-lhe desde logo a

graça de fazer a ponte com o *cinquecento* e os mestres do *rinascimento*. Parti da leitura histórica do complexo monasterial que deu a chave de introdução à identidade tríplica. A concepção formal do mosteiro explora níveis densos e fascinantes de ‘possibilitação’, racionalização e simbolização. Com centro na igreja-rotunda, acrescentei dois outros lugares importantes para a Comunidade: a “garagem” e a Igreja do Torne. Como num tríptico, dois painéis laterais parecem secundários mas são na verdade complementares à composição total: pois pretendi chamar a atenção à discussão da ‘arquitectura religiosa contemporânea’ de que projectar igrejas não forma em si mesmo comunidades, pois que estas não o são plenamente sem o serviço social,

promovendo a justiça e a paz, bem como sem a oração ecuménica, promovendo o diálogo e a inclusão da diferença, num contexto – que é o nosso – multiétnico e multirreligioso. Mais ainda, projectar igrejas não forma comunidades, se “alguns projectos modernos de arquitectura sagrada caíram algumas vezes num atoleiro, porque lhes faltou esta experiência ou contacto real com uma Comunidade adulta ou em crescimento ou renovação da fé”³.

Senão, vejamos como no ‘painel central do tríptico’, que versaria sobre a igreja-rotunda e a liturgia, a comunidade da Serra conseguiu adensar a fé, a esperança e a caridade e assim sustentar os outros painéis laterais. Projectar igrejas-rotundas pode ajudar a formar comunidades – “assim aconteceu na Serra: nascida a Comunidade, não ainda adulta como hoje, é que se ‘criou’ o espaço [a disposição rotunda] e foi nascendo a trilogia”⁴. A rotunda é capaz de sublinhar sem equívoco que o centro é Cristo e de fomentar o conhecimento íntimo da comunidade, porque os fiéis se olham nos olhos uns dos outros e se reveem como Igreja de Cristo, buscando no centro eucarístico alimento para o reconhecimento externo do serviço apostólico, levando a todos os homens-seus-irmãos-na-terra a Alegria do Evangelho.



2.

A vivência litúrgica na Serra fez-me ligar natureza e cidade, ritmo natural e construído, ciclo anual, das estações, dos dias, do tempo comum e festivo. Ligar a história e o legado, compreender a riqueza do cristianismo que adensa de significados, reinventando a partir dos mistérios naturais do paganismo e períodos subsequentes. Entre tudo isto, fez-me compreender a centralidade de Jesus Cristo, sem diminuir o meu querido Santo Inácio; a centralidade da Eucaristia Dominical, tirando também tanto proveito da Eucaristia nos dias de semana numa pequena capela do CREU [Centro de Reflexão e Encontro Universitário]; a centralidade da Páscoa, fazendo ainda assim tanta questão o presbítero em regressar de férias de verão no 15 de Agosto...

A Serra é caso de estudo, não caso de sucesso.

A humanidade da comunidade mostra-se na fragilidade das mudanças provocadas pelas crises e rupturas. Metáfora da vida. Lá em casa também é assim. Os dias seguem-se entre as festas e a sala cheia e as rotinas e as tarefas vazias, entre as esperanças e os desesperos, entre a malandrice salutar e o disparate que mata, a gargalhada e a palavra certa e o bater com a porta. E sou eu; e somos nós. A família e a complexa trama de relações ensinam-nos a fazer caminho. A família cristã é à sua imagem; a comunidade da Serra, à semelhança, também já viu muitas caras irem e virem, assembleias cheias e círculos vazios, incompreensões e fugas e perplexidade e perseverança. A mim, vale-me o ciclo curto diário da noite e do dia, a esperança do movimento do Sol, metáfora da ressurreição; que a humildade trabalha-se.

Por isso todas as noites, com os pequenos ao colo lembro, repito, ecoa: “perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido”.⁵

Os pequenos vão também à Serra que é a única missa das crianças que concebo e à qual vou com elas sem qualquer constrangimento; precisamente porque não é voltada para as crianças, mas para os crescidos – é que elas abrem-se ao mistério vendo e vendo-nos. O

anel por detrás do murete de granito é dispositivo de recreio para trepar, para o mais atrevido, e liberta um corredor circular pelo qual os pequenos se podem ‘perder’ que sempre voltarão ao mesmo ponto – de reencontro.

Pedro Castro Cruz
2019.10.29



¹ “ITINERÁRIO PELO SAGRADO: quatro arquitecturas de penumbra mística e materialidade elementar”, PEDRO CASTRO CRUZ, PROVA FINAL PARA LICENCIATURA EM ARQUITECTURA, FAUP - Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2005-2006

² “IDENTITÀ TRITTICA: della rappresentazione, della discrezione e del dialogo”, PEDRO CASTRO CRUZ, Comunicação proferida em 14 de Março de 2014, Seminario internazionale La Chiesa nella Città a 50 anni dal Concilio Vaticano II. Seminário organizado pelo Dies Domini Centro studi per l’architettura sacra e la città – Fondazione Card. Giacomo Lercaro (em colaboração com a Fondazione Frate Sole), Bologna, Italia

³ CUNHA, Arlindo de Magalhães Ribeiro da; Lisboa, Jornadas “Liturgia, Arte e Arquitectura nos 50 anos do Concílio Vaticano II”, 2012.11.15

⁴ ARLINDO MAGALHÃES CUNHA; correspondência com PEDRO CASTRO CRUZ, 2014.02.17

⁵ Homília sobre a oração e o Pai-nosso, Presidência leiga no XVII Domingo do Tempo Comum, PEDRO CASTRO CRUZ, 2019.07.28

Serra do Pilar: a Igreja e o Futuro

«A promessa do Reino de Deus não se satisfaz como os primeiros seguidores de Jesus a haviam pensado; o velho mundo não foi dramaticamente substituído pelo mundo novo; o paraíso não foi reconstituído. Mas a promessa do Reino de Deus, que será misteriosamente mais do que paraíso recuperado, é, contudo, ainda válida; e a sua “boa nova” pode ainda conduzir as nossas vidas através do ambíguo e perigoso mundo da história humana rumo ao mundo porvir»
[Martin Henry, *Tangents*]

Dizia Karl Rahner que “o cristianismo é a religião do futuro absoluto”. Referia-se fundamentalmente à sua ancoragem escatológica. Pensar este modo de religação da realidade, iniciado por Jesus de Nazaré, ao seu fundamento último constituiu um esforço muito grande, e até doloroso, para as primeiras gerações de cristãos. À medida que a história ia avançando, e o tempo se não cumpria, essas gerações viram-se obrigadas a operar um processo de transfiguração da expectativa de uma realização imediata do Reino dos Céus numa expectativa mediada.

Quando Alfred Loisy escrevia *L'Évangile et l'Église* (1902), no auge da crise modernista, deixou cair, quase como uma bomba com efeitos que haveriam de se prolongar no tempo, esse quase aforismo, que muita polémica causou: “Jesus anunciou o Reino de Deus, mas foi a Igreja que lhe saiu”. Ao início do passado século, faltaria ainda mais de meio para que se assistisse à viragem de paradigma eclesiológico

que a *Lumen Gentium* viria a consagrar. Passado pouco mais de meio século, desde o II Concílio do Vaticano, há movimentos que parecem insistir, ainda, na validade eclesiológica do modelo pré-conciliar. Contudo, à margem de uma hermenêutica que me colocaria em rota de colisão com esses fanatismos tradicionalistas, e não querendo ressuscitar sequer as polémicas da crise modernista, que pouco interesse têm hoje – digo: as polémicas – há uma nota que me parece de suma importância, não só para a igreja universal, mas fundamentalmente para o concreto das comunidades cristãs.

Refiro-me a essa tensão que sempre existiu e existirá: a continuidade e

descontinuidade entre o Reino dos Céus e a Igreja. Os padres conciliares foram particularmente inteligentes, e seguramente inspirados, na formulação alcançada: “A Igreja, em Cristo, é como que o sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano” (LG, 1). A grande intuição dá, aqui, lugar a uma outra: a Igreja não é um fim em si mesma.

Da bimilenar tradição cristã, que não é estática, mas dinâmica, vem a convicção profunda de que a autenticidade da realização eclesial é directamente proporcional à proximidade com a sua raiz cristológica e pneumatológica. De que forma se podem então harmonizar visibilidade e invisibilidade, continuidade e descontinuidade, história e promessa, no plano da compreensão eclesiológica?

Ao longo da larga história cristã, muitas foram as tendências que não raro devieram tentação. À excepção de alguns poucos momentos de síntese espiritual e eclesial, a tendência sempre se afirmou polarizante, ora afirmando a visibilidade institucional ora anelando a autenticidade da invisibilidade. Em sentido figurativo, cristalizar significa «permanecer em certa forma ou estado; não progredir».

Em matéria de eclesiologia, a cristalização corresponde ao processo pelo qual uma determinada forma histórico-institucional de ser-igreja se tenta captar e fixar, por via de uma dogmatização jurídica, tomando-a por absoluta. Desde aqui se pode constatar, sem dificuldade, uma traição da sua natureza intrínseca, que é a de uma realidade *in fieri*. Mas também se pode dizer, independentemente da traição à sua condição peregrinante, que nem todas as formas de ser-igreja, ainda que com a melhor das fundamentações dogmático-canónicas,

correspondem àquela proximidade distante, ou distância próxima, que é suposto existir em relação à intuição de Jesus de Nazaré: o Reino de Deus. A Promessa é do Reino, mas a Igreja vive ancorada à Promessa. Portanto, a Igreja pertence à Promessa, e não o contrário: a Igreja é «o continuado ensaio do Reino de Deus que é a comunidade dos crentes» e só assim pode ser entendida como sacramento do Reino.

Na base da experiência da Serra do Pilar encontram-se a história, a relação interpessoal e o carisma apaixonado pela construção do Reino, cujo centro nevrálgico e inspirador é a vida de Jesus de Nazaré. A seu modo realiza, ou vem realizando, a tensão própria da esperança cristã, pela consciência de um futuro que se vai construindo, em encontro e proximidade, num

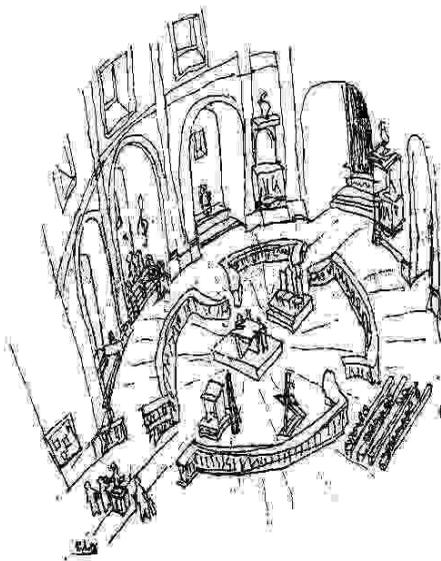
processo sempre inacabado. Não admira, que a simplicidade de uma comunidade que se constrói construindo, como a Serra, reclame a criatividade de repensar a comunidade e os seus carismas, permanentemente.

Escrevia Leonardo Boff desde um pensamento eclesiológico conciliar: «A Igreja existe desde o tempo de Jesus, mas precisa sempre de novo ser reinventada; ela não é organização bimilenar sem vida; é um organismo que cresce, se renova e se refaz na medida em que penetra na história e responde a novos desafios». Este exercício, o de penetrar na história por uma leitura dos *sinais dos tempos*, não é algo que se dê por mero voluntarismo ou militância abstracta e teórica ou teologicamente construída. Trata-se, antes de tudo, de reconhecer a comunidade eclesial enquanto comunidade humana.

Como tal, está sujeita às vicissitudes e aos vícios próprios de cada tempo e lugar da história. Aí impõe-se a abertura à transfiguração das estruturas, ao mesmo tempo

que se reclama um aprofundamento e uma purificação das relações comunitárias. Aventura e desventura continuarão, como até hoje, a ser os pólos da tensão de toda e qualquer comunidade cristã, por mais salvaguardas de ordem jurídica e hierárquica que se construam. Em boa verdade: qual é a relação humana que está dada à partida como dado adquirido? Aplique-se o mesmo princípio à Serra do Pilar e poderemos construir futuro.

José Pedro Angélico



Serra do Pilar (interior). Pedro Figueiredo